

UM MIGRANTE QUE VEIO DE LONGE

Maria da Conceição A. Castro *

Cabocla responde, foi bôto sinhô!

*Quando o bôto virou gente pra dançar num puxirum,
Trouxe o olho, trouxe a flecha, trouxe até muiiraquitã,
E dançou a noite inteira com a bela cunhantã!*

Um grande mistério na roça se faz:

Fugiu cunhantã com o belo rapaz!

E o bôto ligeiro nas ondas sumiu,

Deixando a cabocla na beira do rio...

Se alguém te pergunta:

"Quem foi teu amô?"

Cabocla responde:

"Foi bôto sinhô!"

(Wilson Fonseca)

A maneira de viver do caboclo amazônico e sua relação com o mundo aquático, manifestada num cotidiano de múltiplas facetas, instiga pesquisadores e inspira poetas a tê-los como referência para suas incursões científicas ou literárias. Vê-se nos versos do saudoso poeta e maestro santareno, Wilson Fonseca, essa pujança retratada, tal como entoada na música *do boto que se transforma em um belo rapaz e que depois de seduzir as caboclas ribeirinhas desaparece*.

Do mesmo modo, o poeta amazonense Tiago de Melo transmite com maestria esse cativante universo, em obras como "Pátria das Águas", entre outras mais. Observa-se nas letras poéticas desse autores, o retrato de uma paisagem que ainda transpira abundância - rios, florestas, margens e ribanceiras. Nesse cenário de mitos, segredos e fronteiras ambicionadas, gerou-se a "civilização ribeirinha, na qual os rios, lagos, igarapés e igapós são fontes da vida, da morte e do imaginário regional" (Amazon View,

2004).

Mas, quem é esse caboclo e de onde veio?

Logo após o descobrimento do Brasil chegaram à região amazônica os europeus, vindos de Portugal, Espanha, Holanda França e Inglaterra. Porém, na disputa pelo território predominaram os portugueses, que como os outros, procuravam estabelecer colônias em terras distantes (Forline, 2004).

Posteriormente, chegaram os povos africanos, vindos na condição de escravos para o cultivo da cana-de-açúcar e outras espécies vegetais. Mesmo não sendo tão intensa quanto à indígena, a *contribuição africana foi bem mais expressiva, quantitativa e qualitativamente, do que se pensava* (Chaves, 1981:12).

Em 1615, quando os portugueses percorreram a costa paraense não só encontraram conterrâneos já estabelecidos, mas muitas tribos indígenas que se estendiam pela bacia amazônica: os **Tupinambás**, emigrados do sul e os diversos silvícolas da região, que se espalhavam

pela calha do grande rio (**Tupis**, no Acará; **Tembés**, no Acará e no Capim; **Pacajás**, **Jacundás**, **Tapirauás**, nas margens do Tocantins; **Tecunapeuas**, nas margens do Xingú; **Maués**, entre Xingú e Tapajós; **Anambés**, no baixo Tocantins; **Jurunas**, no baixo Xingu; **Mundurucu**, no baixo-médio Tapajós; **Aruans**, em Marajó. (Chaves, 1981:10)

Anos depois foram chegando com mais assiduidade os brasileiros de outras regiões, especialmente do Nordeste - com o *boom* da borracha - cujos fluxos mais intensos ocorreram em 1844, 1877 e 1940. Também vieram os brasileiros do Sul, Centro-Oeste e também do Nordeste, já na chamada era do "milagre brasileiro", nos anos 70, em função dos grandes Projetos de desenvolvimento na região e também com os outros empreendimentos que foram se seguindo, como o Projeto Grande Carajás, anos 80, e assim sucessivamente.

Já em meados do século XIX, dois são os tipos humanos predominantes na ainda pequena população

amazônica: o caboclo nativo e o alienígena, via de regra os nordestinos, que se fixaram na região por conta da borracha (Chaves, 1981).

O caboclo amazônico é, portanto, fruto da miscigenação étnica que surge a partir do conjunto desses povos e descendentes. Essas populações, segundo Benchimol (1985:3), *desenvolveram as suas matrizes histórico-culturais em íntimo contato com o ambiente físico, adequando o seu ciclo de vida às peculiaridades regionais e oportunidades econômicas oferecidas pela floresta, várzeas e rios, deles retirando não só os recursos materiais de sua subsistência, como seus mitos e lendas.*

Silva (2004) diz que o termo caboclo (kariboka) significa um povo mestiço de branco com índio, que no passado foi uma antiga denominação indígena, mas que atualmente é uma designação genérica dada aos moradores das margens dos rios da Amazônia.

Para muitos outros autores, a população cabocla também é identificada como uma das que compõem as populações tradicionais não-indígenas, mesmo que em muito descendam dos povos indígenas. Quando na área rural, caracterizam-se por suas atividades extrativistas, aquática ou florestal terrestre. Darcy Ribeiro (apud Diegues, 2001), diz que são considerados caboclos *os seringueiros, os castanheiros e os ribeirinhos, pois apresentam modo de vida semelhante (...) vivem, em sua maioria, à beira dos igarapés, igapós, lagos e várzeas.*

Na condição de extrativistas e pequenos agricultores, produzem em regime familiar, vendendo o excedente para complementar o sustento. A farinha de mandioca, entre outros produtos cultivados, é um componente essencial e funciona como garantia de auto-suficiência enquanto exercem

outras atividades.

Porém, ser caboclo é muito mais do que o resultado da miscigenação de várias raças ou fazer parte das populações tradicionais. Caboclo amazônico é, portanto, mais *Ser* do que *Ter* - é uma condição, uma identidade, uma atitude, um estado de espírito, próprio de quem de algum modo tem ou teve a oportunidade de conviver com determinados símbolos, mitos e costumes da floresta e rios. É uma das poucas formas de ser "livre" e nessa condição, age-se, fala-se e manifesta-se a partir de um determinado padrão de comportamento, que comporta atitudes que ignoram convenções e barreiras - seja pelas histórias que conta, pela entonação da voz, pelo sotaque, pelos largos gestos e pelo jeito informal de ser -, ainda que toleradas, muitas vezes com reservas por algumas "tribos" urbanas, imbuídas de equivocados estereótipos.

Emerge, assim, nesse espaço de convivência de diversidade cultural, no meio urbano, um conjunto de múltiplas manifestações populares.

Muita coisa dessa gente é expressa através de uma linguagem própria que envolve um *caboclês* que se incorpora à língua portuguesa corrente na região. Inúmeras palavras derivam de matrizes linguísticas indígenas, como puxirum, piracaia, pitiú, pixé, caribé, chibé, tarubá, munjica, tucumã, pupunha, maniçoba, tucupi, carimbó, entre outras, muitas das quais usadas no cotidiano da vida urbana local.

O vai e vem nas águas do Tapajós

A aparente naturalidade com que se move o caboclo amazônico no interior daquele território - seja manejando o remo de uma canoa, na proa de um motor de popa, por navios, balsas e catamarãs, ou ainda, na carroceria de

caminhões, nos ônibus empoeirados, ou mesmo por aviões - o torna um indivíduo que tem muito em comum com outros povos que habitam e transitam, de um lugar para o outro, no Quênia, na Tanzânia, no Nepal, no Japão, em Hong Kong, no Marrocos, na Colômbia e no Peru, somente para citar alguns lugares situados em distintos recantos do planeta.

Mesmo que essas populações descendam de tantas outras, se alimentem de comidas típicas locais e bebam águas colhidas nas mais variadas fontes - cipós, riachos, igarapés, rios, cacimbas, poços ou torneiras inteligentes -, todas estão, na maior parte do tempo, usando seus braços e mentes a serviço do seu bem-viver ou do seu mal-sobreviver. A assídua mobilidade desses diferentes povos, os coloca tão próximos e globais, tornando-os "irmãos laboriosos" em ação, não importando a distância que os separa.

Esse notório desassossego e aparente desapego instigou-me a questionar o dito fenômeno e possíveis implicações, com especial destaque à população cabocla da Amazônia. Também eu, desde que me entendo por gente, tenho sido uma contumaz viajante: quando menina ou adolescente, o fazia entre rios, igapós, igarapés e florestas no interior do território paraense; já adulta, o tenho feito entre concretos, grades e prédios das pequenas e grandes cidades.

Mesmo com uma causa à vista, conectar os elos aparentemente dispersos dessa grande corrente que une homens, mulheres e crianças, torna-se instigante. Diversos caminhos levam a vários novos de múltiplas cores, cujos fios teimam se entrelaçar. Ainda assim, o maior desses caminhos parece conduzir ao onipresente *trabalho*, que nem sempre está, quando está, nos lugares onde se deseja que esteja.

Vale muito a pena, portanto, aguçar a curiosidade e atenção para “ouvir” uma das inúmeras sagas amazônicas, vividas às margens do rio Tapajós, que somadas a muitas outras, formam a história coletiva dessa gente. Esta é, por certo, uma história inacabada, tanto do lado de cá quanto do outro lado do oceano Atlântico, onde tudo começou.

Caldinho de macaco

É comum, aos domingos, na cidade de Belém, o encontro de membros da família em destaque, em visita à casa do seu patriarca, que por sua vez, mora com um dos seus filhos. Esses encontros oferecem também a oportunidade para que muitos possam se deliciar com uma porção de *caldinho de macaco*¹, “regado” a muita conversa, vinho de açaí, bolo de tapioca e suco de muruci.

Num certo domingo, numa dessas costumeiras visitas, vi-me novamente escutando um trecho dos frequentes relatos que meu pai habituou-se a fazer ao longo de nossa vida, sobre seu passado e antecedentes, nos momentos em que seu público está reunido. Nessas ocasiões, sempre que expõe alguns aspectos desses relatos para filhos e netos - que naturalmente também fazem parte dessa mesma história - seguem-se risos, espantos e pedidos para que forneça mais detalhes sobre esta ou aquela passagem. Por não confiar, segundo ele, como antes, na sua memória, e já contando com a esperança de que seus bisnetos no futuro também possam ouvi-lo de algum modo, passou a registrar no papel esses acontecidos.

Passei a refletir, a partir de um determinado tempo, sobre os ditos relatos e percebi que eram mais do que corriqueiros causos do cotidiano caboclo; continham, implícitos, ingredientes das complexas relações sociais de diferentes eras, vividos e

contados por seus protagonistas, de geração para geração. São histórias impregnadas de conteúdos culturais, políticos e econômicos de períodos distintos da vida amazônica, com episódios incomuns e até memoráveis. A partir desses acontecidos, é possível visualizar questões importantes sobre o fenômeno migratório na região, onde muitos deslocamentos são realizados a partir da floresta em direção às cidades, em determinada etapa da vida de muitas pessoas.

Das cachoeiras de São Manoel à Cidade das Mangueiras²

O relato que segue³ é centrado no desdobramento de um dos ramos dos ancestrais da *Família Castro*, ou seja, a partir de um dos segmentos que ajudou a formar a quarta geração da família à qual pertencço (hoje, já existem descendentes na sétima geração), e que se fixou no Estado do Pará, mais precisamente na região do Alto Tapajós, na localidade de São Manoel (cabeceira do rio), que é uma região formada por tortuosas e desafiadoras cachoeiras.

O nome do pioneiro patriarca era *Manoel Francisco Castro* (meu tataravô), português da gema, como ele mesmo se definia e um migrante vindo de longe que se instalou naquela região, por volta de 1850. Homem determinado, desbravador e de temperamento forte, tinha sete mulheres que moravam em harmonia em uma mesma casa, entre elas uma índia que recebeu o nome de Eufêmia, cujo apelido era Eufeca (possivelmente pertencente à tribo dos Mundurucu), com a qual gerou seu único filho, *João Caetano de Castro*, meu bisavô.

Aventurando-se naquelas bandas, vindo de Portugal, sem referências familiares na nova terra, alimentava a

esperança de enriquecimento. E mesmo sonhando com uma possível volta às origens, visando ostentar suas conquistas, também nutria a certeza de que nunca mais teria contato com familiares e pátria primeiros. Esperança e desilusão compunham o cotidiano de uma vida que não tinha espaço para subjetividades, mas, de algum modo, esses sentimentos foram manifestados aos seus descendentes.

Esse meu tataravô Manoel era dono de terras e desenvolvia negócios com a borracha (látex), “profissão” esta que foi passando de geração para geração, chegando até ao meu pai e meus irmãos. O mesmo possuía muitos trabalhadores que viviam em regime de escravidão por dívida submetidos às leis do velho migrante, em uma terra sem “governo”. Sem meias palavras, tratava seus empregados e serviços a *ferro e fogo*, a partir de uma relação ostensiva de mando.

Nem por isso a vida naquele pedaço de chão era desprovida de momentos de descontração e de festas, fossem estas de adoração aos santos padroeiros, de fogueiras ou para comemorar o sucesso da coleta nos seringais. Os seringueiros faziam os batuques com material improvisado de madeira e latas. Homem dançava com homem e muitas vezes, nus, sob a vista “moralizante” do patrão, sem direito a qualquer assanhamento. Bebiam à vontade e nessas ocasiões gastavam parte da renda que tinham direito a receber.

O aviamento⁴ era a forma de transação vigente, mas os trabalhadores nunca conseguiam zerar suas dívidas com meu tataravô. O pioneiro migrante ampliou seus domínios, tendo necessidade de “contratar” mais trabalhadores, recrutando-os em vilarejos nas adjacências de Santarém, depois de longas viagens, para os quais prometia mundos e fundos. Também se valia do

trabalho de afilhados de fogueira e de um filho adotivo (este último, acolhido desde menino, vivia mais na condição de trabalhador explorado do que usufruindo as benesses de uma relação mais afetiva). Além do corte e coleta do látex (seringas nativas), havia o trabalho na roça e na coleta (extrativismo) de sementes e resinas – juatá-cica (breu), copaíba, maçaramduba, cauchus, pau-rosa, entre outros, que eram vendidos aos comerciantes dos navios movidos à lenha, que por lá passavam de dois em dois meses.

Meu tataravô morreu, provavelmente, aos 45 anos, assassinado que foi em uma emboscada por seu filho adotivo que possivelmente foi aos poucos alimentando um ódio incontido em função dos maus tratos e exploração, e incentivado por outros trabalhadores na mesma condição, segundo relatos de descendentes. Era a lei da selva. Seu único filho natural, *João* (meu bisavô), teve que assumir os negócios aos 18 anos de idade, porém não possuía o mesmo tino do pai e com o tempo os negócios foram à bancarrota. Este meu bisavô casou-se com Josefa, uma cabocla com traços indígenas, nascida na região de São Monoel.

Após o desacerto do negócio, *meu bisavô João* decidiu sair com a família em busca de um novo lugar para se assentar, trabalhar e sobreviver. O destino era Santarém. Colocou as poucas coisas que tinha dentro de um barco e juntamente com a mulher e três filhos saiu para uma longa viagem pelo Rio Tapajós, afluente do rio Amazonas. Às 18 horas do ano de 1896, aportou em um lugar chamado Samaúma para uma parada estratégica, justamente para que minha bisavó pudesse dar à luz meu Avô, que recebeu o nome de Miguel (este seria o quarto filho de um total de doze).

Meu bisavô João desceu, observou

e achou que lá podia ficar, pois a terra parecia boa e tinha muita fruta, peixe e caça no mato. Fez logo um roçado, plantou mandioca, milho e melancia. E também plantou seringueiras. Este foi o primeiro plantio da espécie naquele lugar pois as existentes eram nativas. Nesse lugar estabeleceu um sistema de trabalho familiar, onde todos que já tinham idade participavam das obrigações da roça, da coleta do látex, caça e pesca além dos trabalhos domésticos.

Anos depois decidiu deslocar-se para trabalhar em uma região serrana, com temperatura mais amena que ficava mais distante do rio, onde a coleta da água era difícil, e que mais tarde passou a chamar-se Belterra, lugar onde os Americanos chegaram em 1935⁵ para desenvolver grandes plantios da *Hevea brasiliensis* (seringueira), relacionados ao Projeto Henry Ford na Amazônia.

Antes, porém, meu bisavô se deslocou para um lugar intermediário que ficava na cabeceira de um Igarapé, chamado mais tarde de Acampamento. A razão de cada novo deslocamento, segundo relatos do meu pai (neto desse patriarca), era porque a família aumentava, as necessidades também, e o que produziam não era mais suficiente para o sustento. Além do mais, corria a notícia de que as terras em questão eram boas para o plantio e as seringueiras davam mais leite.

Com o passar do tempo, meu *avô Miguel* começou a formar sua própria família, casando com uma cabocla chamada Maria Rodrigues (dona Cota), minha avó por parte de pai, filha de pais Piauienses que migraram para a Amazônia por conta do trabalho nos seringais, pois segundo meu pai, tinha gente que vinha de toda parte e se instalava naquelas redondezas, especialmente do Piauí, Maranhão, Ceará e Pernambuco.

Meu bisavô piauiense, pai da minha

avó Cota, chamava-se Luiz Rodrigues Pereira, que também foi assassinado. Segundo relatos dos descendentes, isso teria acontecido, possivelmente, a mando de um irmão do meu avô Miguel, antes deste se casar com minha avó Cota. Este irmão do meu avô, que ora denominamos de Sr. X, era um comerciante truculento e proprietário de seringais, que exigia exclusividade na venda do “gênero” (o látex). Meu bisavô Rodrigues necessitou comprar um pano de Chita para confeccionar um vestido, a pedido de uma de suas filhas, para um arraial local, mas que não tinha no comércio do seringalista; para tal, precisou vender parte do látex a outro comerciante em um lugar chamado Aramanaí.

Havia o agravante de que a vítima tinha uma dívida em aberto com o Sr. X. O assunto do assassinato foi abafado e ninguém ousava contestar. O possível mandante do crime ofereceu-se para ajudar a família da vítima desde o velório até o sustento, que era formada só por mulheres.

Meu avô Miguel e minha avó Cota tiveram 16 filhos, dos quais meu pai é o quinto. Este meu avô passou a viver na região de Porto Novo, que fica entre Aramanaí e Cajutuba, distritos de Santarém. Para sobreviver com a família, este trabalhava na roça, cortava seringa e construía casas de palha quando solicitado. Com o tempo os filhos foram crescendo e também passaram a ajudar nessas tarefas. Mesmo com toda a ajuda a vida era difícil, pois não se conseguia dinheiro além do mínimo necessário para comprar a mantimentos e utensílios, e as transações eram feitas mais na base da troca. Viviam mudando de lugar, ora na margem do rio, ora no centro da mata.

A partir de 1935, quando os Americanos chegaram em Belterra, apareceram os primeiros empregos. Jovens locais engrossaram as fileiras

dos que foram trabalhar nos seringais, sob o regime de arrendamento. Meu avô, no primeiro momento, não deu apoio para que os filhos lá trabalhassem, pois não queria que eles fossem “empregados”.

Aos vinte e um anos, meu pai decidiu ser reservista e a contragosto do pai foi se inscrever no exército em Belterra. A dificuldade foi tirar a certidão de nascimento que ninguém da família possuía: (“Para que - dizia meu avô - eu estou vivendo até agora sem documento”). Passou-se um ano e meu pai deu baixa e foi trabalhar na seringa por conta própria e/ou por arrendamento.

Posteriormente, passou a trabalhar com o seu tio Sr. X (o suposto mandante do crime do meu bisavô). Trabalhou árduo por muitos anos e depois de tempos saiu com “uma mão na frente e outra atrás”. Já havia conhecido minha mãe, que se chamava *Sebastiana Araújo Sá* (filha de descendentes portugueses tanto por parte de pai quanto de mãe), com quem se casou posteriormente e com ela gerou treze filhos, dos quais dez sobreviveram, sendo esta pesquisadora a primogênita. Desde então, juntamente com os filhos que iam nascendo, não parou mais. Morou em Porto Novo, Piquiatuba, Santarém, Jaguarari, novamente em Porto Novo, no Baixão (colônia), CBA e finalmente migrou para Belém.

O sobe e desce das ladeiras

Nos trinta e cinco anos que antecederam a viagem para Belém, a partir da CBA, o patriarca trabalhou, sem interrupção, no corte da seringa e na roça, com mulher e filhos. Primeiro para particulares, depois para o Projeto Henry Ford e por último, para o Ministério da Agricultura que comprou dos americanos os citados seringais em 1946. O regime de trabalho sempre

passou pelos sistemas “de meia” ou arrendamento⁶.

Família grande, dinheiro curto, mas muita disposição para subir as ladeiras que separavam o Baixão (lugar bom para plantação de frutas, porém distante dos rios) e o alto da serra, às proximidades de Belterra, para a coleta da água. Móveis e utensílios eram confeccionados com material da floresta, desde os tamancos até o material de trabalho.

As muitas habilidades em ação, a cada nova moradia, abrangiam o corte da seringa, a lide com a roça, produção da farinha e derivados, a destreza para a coleta (extrativismo) e a agilidade para executar pequenos serviços a pessoas mais abastadas, tais como carregar água do rio para as casas, trabalhos domésticos ou capinar terrenos; e por último, a venda de produtos extrativos, das frutas cultivadas e tubérculos (cará, batata doce e macacheira), além dos variados bejús que eram confeccionados pela matriarca.

No périplo pela região, a família nunca teve propriedade fixa, tudo era obtido ou construído temporariamente, portanto não se assentava raízes físicas. Quando moravam em lugarejos distantes dos limites da *Companhia* (como era chamado o complexo de seringais do governo), tinham a posse da terra, mas sem papel, onde podiam morar e plantar. Esgotada a possibilidade de tirar o sustento, cediam o lugar e benfeitorias para algum parente mais próximo, visto que não se tinha para quem vender, e deslocavam-se de barco para outros lugares. Havia fartura de terra para todos (Jaguarari).

Quando optavam por morar nos limites da *Companhia*, desde que não tão próximo do grande complexo, podiam escolher um lugar para construir, morar e plantar, mas não podiam ter a posse da terra.

Nos limites internos do complexo só podiam morar os trabalhadores vinculados à *Companhia*. Com o tempo quando muitos desses trabalhadores migraram para Belém para desempenhar funções em outros órgãos do Ministério da Agricultura, os habitantes locais podiam pleitear unidades residenciais mais humildes, após inscrição e autorização, podendo ter direito à água encanada coletiva, o que passava a ser uma honra e, de certo modo, isso já lhes propiciava alguma visibilidade social.

O diferencial presente na família em tela, em relação a muitos vizinhos agricultores e seringueiros, era uma certa proximidade com o saber, ou seja, havia a obrigação de estudar, todos, sem exceção e com rigor, sem a opção de parar pelo caminho, e em paralelo com a lide, por insistência quase que exclusiva da matriarca da família que tinha fascinação pelas leituras. Esse acesso era conseguido na casa de seus patrões da *Companhia*, quando realizava trabalhos domésticos, e de onde recolhia informações sobre os diferentes e novos mundos. Teve contato com obras de diferentes autores, desde Jorge Amado e Machado de Assis à Bárbara Cartland.

Gostando ou não, essa era uma prática comum a todos os filhos, cuja realização exigia, em determinadas ocasiões, um deslocamento de aproximadamente duas horas de caminhada, em cada percurso. Por outro lado, todos os membros da família tiveram uma *formação camponesa*, mesmo que em níveis bem distintos e dependendo do grau de habilidade, seja em função das práticas agrícolas e extrativas, seja por hábitos, costumes e crenças.

Nunca se discutiu, objetivamente, no seio da família, a mudança para a capital do estado do Pará; esta não era uma meta em si mesma, pois não se cogitava essa possibilidade e era uma

coisa quase impossível. As etapas é que eram articuladas. Ou melhor, não se discutia também essas etapas como metas em si mesmas, elas funcionavam como pequenos empurrões - alguma coisa que leva à outra e assim por diante. A partir de um determinado momento deixou-se de mudar somente em função da terra para plantar ou da seringueira para cortar, mas incluía-se no pensar dessa caminhada a relativa proximidade com as escolas públicas para os filhos. Era mostrado que estava acontecendo um avanço de cada vez em busca da melhoria de vida.

Posteriormente, também passou-se a levar em conta no deslocamento a possibilidade de encontrar emprego (um sonho alimentado), pois o trabalho na lavoura e o corte da seringa não eram considerados emprego, eram uma "ocupação" e isso não possibilitava qualquer sobra para outras necessidades. Estas eram atividades árduas e lidava-se com poucos recursos, provisões e ferramentas, somente no limite do sustento. Internalizava-se, a cada dia, a certeza de que o trabalho na roça e nos seringais era cada vez mais temporário e a mudança só poderia acontecer pelo estudo, não havia outra saída. Contudo, as estratégias de mudança para as melhorias surgiam no seio de cada família, em particular, sem qualquer envolvimento e articulação coletiva ou apoio governamental.

A cada passo dado ficava muito difícil para a família se deslocar "em bloco", como antes. A partir de um determinado tempo, os pais ficaram e os filhos avançaram, uns mais na frente e outros *na pegada* dos demais, mas seguindo sempre o mesmo percurso. Até que um dia, mais precisamente em 31 de julho de 1983, todos os membros da família *Araújo Castro* estavam instalados na cidade de Belém, "encerrando" uma trajetória de vários deslocamentos, que se iniciou em 23

de dezembro de 1972, justamente pela autora deste relato, a partir de uma das etapas, a cidade de Santarém. O último a migrar foi justamente o patriarca, que resistiu até o último momento, e que por muitas vezes, ameaçou retornar.

Hoje, passados trinta e dois anos desse processo de mudança, perguntou-se ao patriarca da família (atualmente com 76 anos), em que período de sua história de homem migrante⁷ sentiu-se mais realizado. Disse que realizado nunca esteve, mas que se sente mais sossegado agora, pois se acredita mais estável, com menos medo do amanhã; tem um trabalho fixo e é dono do seu próprio negócio⁸; está perto dos filhos; tem acesso aos meios de saúde; e não precisa suar de sol a sol, sem ver a cor do dinheiro, como ele mesmo diz, correndo o risco de voltar para casa com uma mão na frente e outra atrás.

Considerações Finais

Mesmo comportando peculiaridades múltiplas, este relato evidencia, em muitos pontos, a trajetória de vida de inúmeros caboclos amazônicos, aspectos de sua formação histórica, relação com a terra, com o espaço e com os demais agentes transformadores.

Muito embora seja a migração cabocla um fato sabido, ainda que silencioso, sem que o poder público se dê conta de sua dimensão, seu traçado no tempo e no espaço não se dá de modo igual para cada família. Entretanto, sua configuração como fenômeno social, econômico e cultural - ainda que comporte estratégias sociais e familiares particulares - sinaliza para implicações estruturais comuns naquele ambiente.

É importante compreender sua relação com a construção de uma matriz teórica consistente, que não seja a de estarem as famílias agindo em

função de uma escolha pessoal, razão considerada frágil demais para justificar os sucessivos deslocamentos, que por vezes não cessam jamais, assim como evitar caracterizá-los como uma decisão repentina. É algo que reflete as progressivas inquietações de indivíduos rurais, associadas ao desejo de satisfação de suas necessidades de sobrevivência e percepção do encurtamento dos diversos espaços.

Mesmo que existam deslocamentos humanos na face da terra determinados por inúmeros fatores, no contexto amazônico é importante refletir essa questão do ponto de vista da *mobilidade em função do trabalho* (Gaudemar, 1976), tendo em vista seu histórico de ocupação e modernização. No cerne de vários estudos sobre esse fenômeno na região, a mobilização cabocla tem sido analisada no mesmo nível de compreensão e enquadramento teórico dos demais fluxos migratórios. As dimensões econômica, cultural, política e social que alimentam o dinamismo de uma sociedade não são obras do acaso, formam-se na esteira de um processo histórico, paulatinamente.

Ainda que os acontecimentos aqui relatados tenham sido iniciados, aproximadamente, em 1850 (século XIX), época em que dinheiro era artigo de luxo na região enfocada, o escambo era transação corrente e o aviamento era um mecanismo comum na relação capital-trabalho, observa-se que as bases do capitalismo e algumas de suas mazelas estavam muito bem assentadas naquele contexto: monopolização dos meios de produção, exploração de oportunidades de mercado para efeito de lucro, arrendamento, escravidão por dívida, trabalho forçado, entre outros, e muitos dos personagens reais desta história encontravam-se, em determinado momento, ou na condição

de oprimido ou na condição de opressor, dependendo das circunstâncias.

As evidências e representações surgidas a partir deste relato, que não tem a pretensão de simplificar o entendimento da realidade partindo-se de um único fato, mas apenas de explorá-la, e que surgem implícitas nas diferentes fases históricas, dão a dimensão das contradições existentes, não só porque alguns fatos se repetem, hoje, naquele contexto, mas também porque a dinâmica da mobilização aparece como algo comum a todas as eras.

Percebe-se, no cotidiano daquelas pessoas - que seguiam seus cursos em meio a conflitos e interesses - a busca constante de um destino, que por vezes aparecia indefinido e cada vez mais dependente de um trabalho que surgisse como mais apropriado, cujas estratégias para alcançá-lo passavam pela busca do saber, pelo deslocamento constante, por um horizonte de ascensão social - não percebida e possível como indivíduos rurais, dissociados de qualquer referencial de sucesso.

O caráter de desposseimento desses seres mobilizados, personagens de uma história com vários paralelos na Amazônia e em outros lugares do planeta, carece de uma maior reflexão: poucos bens materiais, muitos braços e mentes dispostos a realizar qualquer coisa em qualquer lugar, a qualquer hora, a um alguém qualquer, levando consigo suas crenças, valores, costumes e saudades.

Do mesmo modo, não dá para ignorar as tensões, os conflitos e as opressões, pois são muitas as suas dimensões: aquelas que extrapolam o tolerável do convívio social e estatutos legais vigentes, e aquelas, aceitáveis e silenciosas, que permeiam o cotidiano das relações pessoais e de trabalho, insinuantes de uma ordem moral de

tolerância, sintonizada com as diferentes formas de poder vigentes.

Há de perguntar, portanto, por que muitos desses fatos se repetem, independente de quem assume o bastão de mando, estivesse essa figura no século XIX ou esteja ela no século XXI?

* *Maria da Conceição A. Castro é Professora, Economista, Mestre em Administração pela PUC/SP e Doutoranda em Geografia Humana /USP.*

NOTAS

1 - "Caldo de macaco" é uma expressão usada no seio da família para designar um tipo de cozido com abundância de caldo, preparada com carne bovina de segunda, acrescida de ervas como alfavaca, xicória, cheiro-verde, cebolinha, urucum sal e água. A carne bovina substitui a carne de caça usada em tempos idos, no interior da floresta.

2 - Belém é conhecida como a Cidade das Mangueiras.

3 - Narrativa baseada em trechos de uma obra autobiográfica, em construção, de autoria de Lourenço Castro (pai desta pesquisadora), com o título provisório de "História da minha Vida".

4 - *Aviamento* é o contrato de trabalho rural mediante o qual uma pessoa denominada *aviador* entrega a outra, denominada *aviado*, dinheiro e/ou mercadorias e/ou gêneros alimentícios, por determinado valor unilateral estabelecido pelo primeiro, a fim de que o segundo se obrigue a vender-lhe toda ou parte da coleta de castanhas ou de látex de seringueira transformado em pélas de borracha, obtidos tais produtos em determinado período avançado e em áreas certas de terra ou não" (Sodero, apud Hironaka, 2000:6).

5 - Em 1926, a *Ford Motor Company* obteve do governo brasileiro uma concessão de 10.000 Km², localizada no Rio Tapajós, defronte da aldeia de Boim, em Fordlândia, para o plantio da *Hevea*. Não obtendo sucesso, troca sua concessão, já em 1934, por uma nova área situada em Belterra, realizando o plantio de dois milhões de pés de seringueiras, a partir do ano seguinte.

6 - No sistema "de meia", o produto (o látex) das *estradas* cortadas era dividido meio a meio entre seringalista e seringueiro. No sistema de *Arrendamento*, o ganho era pelo que se fazia: o proprietário dos seringais os cedia para o corte e pagava um valor mínimo pelo látex colhido, de acordo com o grau que

variava de 10 a 45 graus (menor grau tinha maior concentração de água e o látex não era tão bom).

7 - Os períodos mais longos de estada foram 6 anos no Jaguarari, 10 anos na CBA e os últimos 20 anos em Belém. Os demais períodos foram em média de 2 anos.

8 - É aposentado por invalidez, com salário mínimo, e tem uma banca de venda na feira livre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAZON VIEW

(2004) A lenda da Iara. *Revista Regional da Amazônia*. Edição nº 30, julho/agosto.

BENCHIMOL, Samuel

(1985) Conferência sobre Grupos culturais na formação da Amazônia brasileira e tropical, Recife/PE. Site www.tropicologia.org.br/conferencia.

CASTRO, Lourenço

(2004) *História da minha vida*. Obra autobiográfica em construção. Belém, julho.

CHAVES, Maria Annunciada

(1981) "Traços da cultura paraense". Palestra proferida na I Semana Cultural e Artística do Pará. Brasília 08. de abril.

DIEGUES, Antonio C; ARRUDA, Rinaldo S.V.

(2001) *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília: Editora Ministério do Meio.

FONSECA, Wilson

(2004). "A lenda do boto". Poema musicado. Fundação Carlos Gomes, Belém/PA. Site www.fcg.pa.gov.br.

FORLINE, Louis

(2004) "As várias faces da Amazônia: migrações, deslocamentos e mobilidade social na região norte". Disponível no site www.comciencia.br.

GAUDEMAR, Jean P.

(1976) *A mobilidade do trabalho e acumulação capitalista*. Lisboa: Ed. Estampa.

HIRONAKA, Giselda M. F. Novaes

(2000) Trabalho originalmente publicado como um dos capítulos da obra "*Direito Agrário Brasileiro*", vv.aa., coordenada por Raymundo Laranjeira, São Paulo: Ed. LTR.

MELO, Tiago

(1981) *Amazonas - Pátria das Águas*. São Paulo: Sverner-Bocatto.

SILVA, Fernando A. P.

(2004) "Pequeno dicionário tupi-guarani". Disponível no site: www.educaterra.terra.com.br/almanaque.